CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA

IN MEMORIAM ROBERT REDFORD

3 e 7 de novembro de 2025

THE CONSPIRATOR / 2010

A Conspiradora

Um filme de Robert Redford

Realização: Robert Redford / Argumento: James D. Solomon, Gregory Bernstein / Direcção de Fotografia: Newton Thomas Sigel / Direcção Artística: Kalina Ivanov / Mark Garner / Cenários: Melissa Levander / Guarda-Roupa: Louise Frogley / Música: Mark Isham / Montagem: Craig McKay / Interpretação: James McAvoy (Frederick Aiken), Robin Wright (Mary Surratt), Kevin Kline (Edwin Stanton), Evan Rachel Wood (Anna Surratt), Tom Wilkinson (Reverdy Johnson), Justin Long (Nicholas Baker), Danny Huston (Joseph Holt), James Badge Dale (William Hamilton), Colm Meaney (General Hunter), Alexis Bledel (Sarah Weston), etc.

Produção: The American Film Company, Wildwood Enterprises / Produtores: Brian Peter Falk, Bill Holderman, Robert Redford, Greg Shapiro, Joe Ricketts, Jeremiah Samuels, Webster Stone / Distribuição em Portugal: ZON Lusomundo Audiovisuais / Cópia: 35 mm, colorida, versão original legendada em português, 122 minutos / Estreia em Portugal: 21 de julho de 2011.

Estreado nos Estados Unidos da América exatamente 146 anos após o assassinato de Abraham Lincoln, a 15 de abril de 1865, THE CONSPIRATOR é a primeira obra saída da The American Film Company, empresa criada em 2008 por Joseph Ricketts (cuja família detém igualmente a equipa de baseball Chicago Cubs), para “produzir e distribuir filmes cativantes, comerciais e historicamente precisos, baseados no passado histórico americano” (mote que, de resto, tanto se pode ler no genérico inicial como no genérico final deste filme).

Só que, e apesar dessa data “coincidente”, THE CONSPIRATOR não é um filme sobre Lincoln (que expressamente Redford opta por quase não mostrar – “Não é possível replicar esse rosto. Quando um rosto é tão conhecido, é melhor sugerir do que mostrar.”), nem sobre a sua morte. Robert Redford, militantemente comprometido em representar histórias da América – o que é verdade tanto para a sua carreira de ator como de realizador (lembramo-nos logo de ALL THE PRESIDENT’S MEN, de um lado, de QUIZ SHOW, por outro) – estava no meio de dois outros projetos quando lhe chegou o argumento, em que James D. Solomon trabalhava há vários anos, fruto de uma investigação exaustiva e bastante serpenteante, desenterrando fontes diversas, porque uma coisa puxa outra, e – é o próprio Solomon quem o refere – nas estantes de acesso direto das bibliotecas ia tropeçando em livros que não procurava deliberadamente. “Encontrada” a história, contudo, Hollywood não lhe pegou; de acordo com Redford, ficaram apreensivos.

O que então lhe chegou é um argumento não sobre o assassínio de Lincoln (e as simultâneas tentativas de assassinato do então Vice Presidente Andrew Johnson e do Secretário de Estado William H. Seward) mas sobre a "história dentro dessa história", a do julgamento militar de Mary Surratt, dona da pensão onde os principais acusados se reuniam e também ela por isso acusada de envolvimento na conspiração (de que seria considerada culpada, tornando-se a primeira mulher a ser executada pelo governo federal). "One bullet killed the President. But not one man", indica a frase promocional do filme. Esses primeiros momentos, os da história mais ampla e mais conhecida, são-nos apresentados fugaz e "analiticamente" (citando Georgia O'Keefe, Redford procura "selecionar, eliminar e enfatizar, para chegar ao verdadeiro significado das coisas"), servindo de prólogo ao que será de facto o centro da narrativa, mais uma vez um debate (à semelhança do filme precedente, LIONS FOR LAMBS/ PEÕES EM JOGO, de 2007, e do seguinte, THE COMPANY YOU KEEP/ REGRA DE SILÊNCIO, de 2012 – ou seja, os três filmes que em cinco anos Robert Redford realizou, num período de tempo em que não teve outros compromissos inclusive enquanto ator) sobre as complexidades morais, neste caso da justiça, quando uma ameaça e um trauma de dimensão nacional afetam uma sociedade. Aqui, e apesar de Redford o ter frequentemente negado, é praticamente impossível não pensar – e muita da receção crítica ao filme passou naturalmente por aí – nas analogias e paralelos deste episódio desconhecido de uma história que todos achavam conhecer com o período que então se vivia nos EUA do pós 11 de Setembro, com a guerra ao terror, as subsequentes campanhas militares norte-americanas na região do Médio Oriente, as detenções, Guantánamo.

Filme de época, THE CONSPIRATOR entra assim na lista de filmes "catalogados" com este "carimbo" da história contemporânea, apesar do ambiente histórico passado (a fotografia, nos tons suaves de castanho e sépia das fotografias da época, remete o espectador para uma "autenticidade" visual histórica), e demonstra como Robert Redford, o idealista liberal apaixonado por contar histórias e para quem a História era uma fonte de grandes histórias que frequentemente parecem relacionar-se com o momento atual, encarou sempre a produção cinematográfica como, também ela, um gesto político.

Teresa B. Borges